

isto é
20/5/98
75

58-62

HISTÓRIA

Os herdeiros de Chico



REPRODUÇÃO MARIO BARBOSA

Depois de 200 anos de mistério, os descendentes do lendário escravo são encontrados na localidade de Pontinha (MG), que ainda mantém, assim como outros quilombos espalhados pelo País, a tradição da África

MOACIR ASSUNÇÃO, DE PARAÓPEBA (MG)

Quem é rei nunca perde a majestade. O ditado poderia muito bem refletir a surpreendente e pouco conhecida história de um dos maiores libertadores de escravos do Brasil.

Chico Rei, que virou monarca em Ouro Preto, antiga Vila Rica em Minas Gerais no século XVIII, com a anuência do governador-geral Gomes Freire de Andrada, o conde de Bobadela. Em um momento em que se comemora, com grandes reservas por parte de movimentos negros, a data de libertação dos escravos (13 de maio de 1888), a saga do ex-escravo continua envolvida em mui-

tos mistérios. Chico Rei, nascido Galanga no Congo como um monarca guerreiro e sumo-sacerdote do deus pagão Zambi-Apungo, foi capturado com toda a corte por comerciantes portugueses de escravos e vendido com o filho Muzinga no Rio de Janeiro, de onde foi levado para Ouro Preto em 1740. A rainha Djalô e a filha, a princesa Itulo, foram jogadas no oceano pelos marujos do navio negreiro Madalena para aplacar a ira dos deuses da tempestade, que quase o afundou.

Depois de servir cinco anos como escravo do major Augusto de Andrade Góis, Chico comprou, por meio do pa-

dre Figueiredo, sua carta de alforria, libertou o filho, conseguiu comprar uma mina de ouro supostamente esgotada e, com o trabalho na mineração, alforriou outros 400 cativos, entre os quais os integrantes da sua corte africana. Aproveitando, habitualmente, uma brecha no sistema colonial, Chico, um homem inteligente e enérgico, segundo descrição do historiador Agripa Vasconcelos, tornou-se rei novamente no exílio, com direito a cetro de ouro, coroa e palácio



FOTOS MARIO BARBOSA

Chico Rei



LUCIANA COSTA/ANIBECO

real. Com seu carisma e determinação, o rei proletário, que trabalhava como todos nas minas de ouro, se tornou, também, um homem rico e respeitado, que deixou 42 potes, com aproximadamente 100 quilos do metal precioso, ao morrer, em 1781, aos 72 anos.

Uma dúvida que sempre incomodou os historiadores foi o paradeiro de Muzinga, único filho do líder escravo. Depois da morte do monarca, boa parte da comunida-

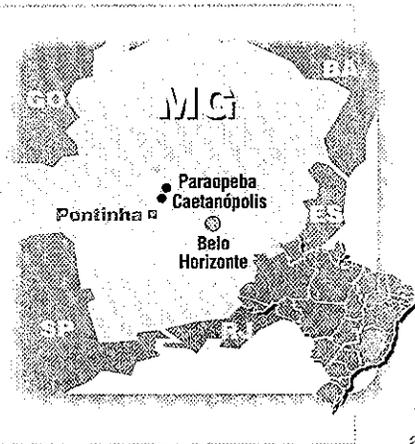
de formada por cativos alforriados abandonou Ouro Preto. Os prováveis motivos foram por esgotamento total da mina de Encardideira, comprada por Chico do major Augusto, e a perda de prestígio e segurança sem a presença do rei-escravo. O mistério, que já dura mais de 200 anos, pode estar perto de ser esclarecido. Dono de uma fazenda em Paraopeba (MG), a 100 quilômetros de Ouro Preto e a 120 de Belo Horizonte, o pesquisador

Antonio Barbosa Mascarenhas, 75 anos, descobriu, ouvindo antigas histórias e comparando com livros e documentos sobre o assunto, que os descendentes de Chico Rei se fixaram em uma área de 501 alqueires, vizinha à sua propriedade, conhecida como Pontinha.

A comunidade, bastante pobre, e seus habitantes demonstram mesmo sinais de nobreza. Geralmente altos e fortes, campeões no congado, dança introduzida por Chico Rei na cidade colonial, no futebol

e no samba, os 586 moradores da Pontinha conhecem muito pouco da história, embora alguns dos habitantes mais antigos, já mortos, contassem que a Pontinha se iniciou a partir de duas escravas, Bernarda e Carlota, em terras de um padre. De acordo com as pesquisas de Mascarenhas, Muzinga e seus seguidores dirigiam-se, provavelmente em 1785, a Diamantina, então Vila do

D. Mariazinha e a estátua de Chico Rei na entrada da mina. Ao lado, Carlos Barbosa, descendente do monarca africano, sua filha Marisi e uma de suas netas: luta pela tradição





FOTOS: MARIO BARBOSA

Em Pontinha, lugar de vida simples, a tradição da congada é mantida com esforço por Jair (abaixo) e Delfino (à direita)



Tijucu, terra de Xica da Silva, para trabalhar na extração de diamantes quando, ao passar em Pompéu, cidade das vizinhanças, pararam para se aconselhar com o padre Antonio Moreira, que, ao ver o ouro que traziam, os convenceu a comprar terras de sua propriedade na Pontinha.

Muzinga, como o pai, tinha adotado o catolicismo em substituição aos ritos africanos e se tornou devoto de Santa Ifigênia, santa negra de origem egípcia, e Nossa Senhora do Rosário, homenageadas em igrejas que Chico Rei ajudou a construir em Ouro Preto. “Aqueelas terras não são um quilombo. Se fossem, teriam sido atacadas por bandeirantes, dragões (a polícia do Império) ou capitães-do-mato que caçavam negros fugitivos”, diz o pesquisador, para justificar a existência até hoje tranquila, apesar de alguns percalços, da comunidade. A escritura de propriedades da área, de acordo com ele, foi destruída em um incêndio no cartório de Santa Luzia, cidade vizinha onde ficava guardada. Somente em 1938, os negros (os brancos continuam minoria absoluta na Pontinha) conseguiram o usucapião da terra, cobiçada por muita gente poderosa da região. Até hoje, muitos moradores conservam o sobrenome Moreira do padre-latifundiário.

O historiador José Efigênio Pinto Coelho, especialista na história de Ouro Preto, considera que

a comunidade da Pontinha pode, realmente, ser formada por descendentes do legendário rei-escravo. “A possibilidade existe e é fortíssima. A história dos negros libertos por Chico Rei estava perdida e essa descoberta é de grande importância para reconstituí-la”, comenta. Na antiga Minas Gerais, segundo Coelho, os escravos se concentram em regiões de grande riqueza mineral como Ouro Preto, São João Del Rey, Mariana, Tiradentes e Diamantina, onde os brancos tinham condições de comprá-los. Paraopeba era parte de uma área de concentração de colonos brancos. “A Pontinha é um caso atípico na região e certamente foi uma colônia negra com terras compradas e não ocupadas como nos quilombos”, explica.

Apesar das dificuldades, a cultura trazida da África continua sendo reproduzida através dos tempos. Graças aos esforços de gente como Delfino Rosa da Silva, 81 anos, capitão-fiscal do congado, que se considera “empregado” de Nossa Senhora do Rosário, e de Carlos Moreira Barbosa, 70 anos, a tradição segue. “Explico aos jovens que já sou velho e cabe a eles zelar pelo congado e por nossas raízes”, afirma Carlos,

um líder da comunidade, que se diz orgulhoso de descender de Chico Rei.

A luta pela terra é outro fantasma que até hoje assusta a comunidade. Há oito anos, Pedro Barbosa, um poderoso fazendeiro da região, tentou se aposar, depois de comprar alguns terrenos, de uma área cultivada de forma comunitária. Com disputa judicial, até soldados do Batalhão de Choque, com cães e helicópteros, foram chamados para garantir a posse do fazendeiro. A Prefeitura da Paraopeba resolveu o impasse, a favor de comunidade, declarando a área de utilidade pública.

“Quiseram tomar a terra da gente, mas Deus é maior e não deixou isso acontecer”, relembra Jair Riberio, 75 anos. Repleta de casas simples, feitas de adobe como no período colonial, um praça central com escola, posto de saúde e uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário, a Pontinha já foi palco de outras questões pela posse da terra. Segundo Mascarenhas, o documento assinado por Muzinga e pelo padre Moreira previa que as terras não podiam ser vendidas por integrantes individuais da comunidade. A medida tinha por objetivo garantir a preservação da Pontinha.

Mas a presença de Chico Rei está também em outros lugares. Quem chega a



A estátua de Chico Rei em frente da igreja: mito

Quilombo ameaçado

Comunidade negra do Vale do Ribeira vive isolada como no tempo da escravidão e sofre com descaso

LUIZA VILLAMÉA, DE IVAPORUNDUVA (SP)

Quem ouve falar em Chico Rei ou Zumbi nem sequer imagina que a 290 quilômetros do centro da maior cidade da América Latina remanescentes de escravos vivam como se estivessem em um quilombo. Nos arredores de uma igreja de taipa, construída em 1791 por seus antepassados, os moradores de Ivaporunduva orgulham-se de integrar uma comunidade quilombola, com direito até a reconhecimento de sua condição pelo governo federal. Com a maior parte de seus 3.1 mil hectares coberta pela Mata Atlântica, Ivaporunduva fica às margens do rio Ribeira do Iguape, na zona rural da cidade paulista de Eldorado, e apegam-se ao passado para não perder o bonde da história. Segurando nos braços a imagem da padroeira local – Nossa Senhora do Rosário dos Pretos –, Maria da Guia Marinho Silva conta que os santos católicos foram adotados pelos escravos da região ainda no século XVIII. “Hoje, junto com os títulos definitivos da terra, nossa grande preocupação é a igreja. Se ela vier a cair,

leva junto a história do quilombo”, diz.

Tombada pelo patrimônio histórico estadual, a igreja já estava com o telhado em estado lastimável em novembro passado. Para amenizar os efeitos do tempo enquanto a verba para o restauro não é liberada, o governo do Estado providenciou uma cobertura de plástico para o teto. “De lá para cá, o vento foi só empurrando o plástico, que destelhou ainda mais a casa da santa”, reclama Maria da Guia. “O pior é que, mesmo se conseguir dinheiro, a comunidade não pode consertar, pois a lei proíbe.” Os moradores de Ivaporunduva, no entanto, garantem que não vão deixar a maior herança de seus antepassados desaparecer por causa da morosidade do poder público. Este é um dos temas a ser discutidos na 1ª Romaria das Comunidades Negras à basílica de Aparecida do Norte, uma iniciativa da associação dos moradores de Ivaporunduva que reunirá em uma missa afro-brasileira, neste domingo 17, caravanas vindas de diversos pontos do País, inclusive das 21 comunidades quilombolas do Vale do Ribeira.

Ouro Preto, cidade patrimônio histórico da humanidade, e ouve falar do ex-escravo, chega a considerá-lo uma lenda. Ele se tornou uma espécie de Zumbi que enfrentou e venceu, de forma legal e pacífica, o regime colonial. A mina de Chico Rei, visitada por mais de 112 mil pessoas desde 1985, as ruínas da chácara, conhecida como Palácio Velho, onde ele viveu, com a placa da Estrada da Encaridadeira no alto de uma colina, e as igrejas de Santa Ifigênia e do Rosário, que Chico ajudou a construir, lembram sua passagem pela cidade.

Dona da área que inclui a mina de Chico Rei, Maria Bárbara de Lima, conhecida como dona Mariazinha, 81 anos, conta que seu filho Geovani descobriu, em 1946, a entrada da mina, fechada por pedras, quando brincava no quintal. Provavelmente, a entrada é secundária, mas o crescimento da cidade impede descobertas de novas passagens. Casarão onde morou o diretor dos Correios, o imóvel na frente da mina estava semidestruído quando ela chegou à cidade em 1927 e, depois da descoberta, iluminou 1,5 quilômetro com seus próprios recursos e passou a cobrar entrada para quem quisesse visitá-la. Hoje, além dos ingressos, um restaurante ao lado da casa garante o seu sustento. Até em ídiche é possível encontrar assinaturas no livro de visitas. Sobre Chico Rei, reverenciado com uma estátua na entrada da mina, dona Mariazinha tem certeza de que se tratava de “um líder autêntico, determinado a libertar o seu povo”.

Colaborou Solange Cavalcante



Maria da Guia e a igreja tombada: cuidando da santa



Araci: "Lamarca chegou como se fosse uma freira, de hábito e tudo, para fazer uma visita à igreja."

LUCIANA DE FRANCISCO

Um dos descendentes de escravos mais animados com o encontro, que incluirá um ato cultural em frente à basílica, é Constantino Rodrigues da Silva. Aos 66 anos, Constantino se assemelha a seus conterrâneos por hoje tirar o sustento da família dos roçados de subsistência, mas diferencia-se pelo papel que teve no passado recente. Exímio remador, até o começo dos anos 70 ele passava a maior parte do tempo no rio Ribeira, levando o excedente da produção local para as cidades e trazendo as encomendas da população. "Naquela época a estrada era o rio e quem sabia remar buscava os recursos", lembra. Para chegar ao centro de Eldorado, a 45 quilômetros de distância, era um dia de viagem rio abaixo e dois para voltar, contra a correnteza. Quando o comércio estava fraco em Eldorado, Constantino e os outros remadores chegavam até Iguape, o que representava uma maratona de três dias, só na descida. "Muito remeiro morreu naquelas águas", conta. Os momentos marcantes da vida da maioria dos moradores de Ivaporunduva também estão associados ao rio. "Quando casei, desci o Ribeira de roupa simplesinha e voltei de vestido", lembra Benedita Furquim Marinho, 73 anos.

Atualmente, a viagem para Eldorado é feita pelo asfalto, em uma estrada que margeia o rio, aberta quando o governo militar começou a investir na região, criando infra-estrutura para dismantelar um centro de treinamento da guerrilha, comandado pelo capitão Carlos Lamarca (*leia quadro*). Para se alcançar Ivaporunduva, no entanto, ainda é preciso atravessar o rio em uma canoa como as de antigamente, esculpida em tronco de árvore. A nova geração faz a travessia todos os dias para estudar na cidade. Só que muitos deles já não se satisfazem com a conclusão do segundo grau. "Ninguém do quilombo chegou à faculdade", diz Paulo Sílvio Pupo, 18 anos, um dos candidatos ao posto. "Estamos tentando, para depois voltar com mais conhecimentos, principalmente no ramo jurídico."

O sonho com um diploma em Direito reflete a familiaridade com o tema. Desde 1986 a comunidade batalha na Justiça a escritura definitiva da terra

E Lamarca virou freira...

Dá para imaginar o líder guerrilheiro Carlos Lamarca, o homem mais procurado do País, vestido de freira e apoiando-se em um nativo para descer da canoa? No imaginário popular de Ivaporunduva, é absolutamente verossímil. Encravada no Vale do Ribeira, onde Lamarca tentou instalar um campo de treinamento no final dos anos 60, a comunidade também criou uma lenda em torno do capitão que desertou do Exército com um carregamento de armas pesadas e acabou morto no sertão baiano, em 1971. "Ele chegou como se fosse uma freira, de hábito e tudo, para fazer uma visita à igreja", conta uma das principais lideranças locais, Araci Atibaia Pedroso, 54 anos, repetindo o relato de um morador já falecido, Francisco Marinho. "Para descer da canoa, Lamarca aceitou o apoio dos homens que estavam na beira do rio." A visita do guerrilheiro travestido de religiosa, que estava sozinho, não teria despertado nenhuma suspeita entre os descendentes de escravos até que, depois de conhecer a igreja e atravessar o rio de volta, ainda vestido com o hábito negro, ele teria feito uma exibição de sua perícia com as armas. "Com um tiro certeiro, Lamarca matou um lagarto que fugia pela beira da estrada", completa Benedita Furquim Marinho, 73 anos. "O que mais impressionou o pessoal é que ele estava num carro em movimento."

para a qual seus antepassados foram levados no século XVIII para trabalhar na mineração do ouro. Antes de partir para uma nova empreitada em Minas Gerais, a dona da gleba, Joanna Maria, teria doado a terra para a "santa" e assinado a alforria dos escravos. "Os historiadores acreditam que a gente recebeu tudo de mão beijada, mas estão enganados", afirma Oriel Rodrigues Moraes, 25 anos. "A prova de que nossa resistência vem dos antigos está nas capuvas (*capoeiras que circundam o povoado e teriam sido ocupadas pelos escravos fugidos*) e no cemitério clandestino construído na mata." Na Justiça, outra querela da comunidade diz respeito à

construção de quatro barragens na região, a primeira delas pelo grupo Votorantim, que se encontra embargada por uma liminar obtida pelo Moabc, o Movimento dos Ameaçados por Barragens no Vale do Ribeira, que reúne diversas entidades da região. Se as barragens forem construídas, Ivaporunduva ficará debaixo d'água. ■



REPRODUÇÃO MARIO BARBOSA